

## Prefácio

### Intervenção social: um novo paradigma?

ALVES, Sandra, 2006, *Filhos da madrugada: percursos adolescentes em lares de infância e juventude*, Lisboa, ISCSP/UTL

#### Utilidade e Ciência

Desde Auguste Comte que a Sociologia foi palco de duas diferentes posturas no que respeita à relação entre o cientista social e a realidade que o envolve e que ele procura entender. Por um lado, a que defende que a sua principal razão de existência é modificar o mundo. Por outro, a que considera que as Ciências Sociais se devem abster de entrar nas areias movediças da intervenção social, mantendo uma postura distanciada que permita uma maior objectividade na observação e na interpretação dos factos sociais.

Reconhecendo a bondade dos argumentos de ambas as posições, uma terceira perspectiva tem procurado conciliar a *utilidade* com a *ciência*, defendendo a legitimidade e a cientificidade de uma Ciência Social aplicada à intervenção social, desde que respeitadora de uma rigorosa metodologia científica, teoricamente fundamentada e epistemologicamente vigiada.

Foi esta a perspectiva de Josué de Castro quando *inaugurou* os estudos sobre a fome como problema social<sup>1</sup>, da escola francesa de análise institucional<sup>2</sup> e de muitos outros autores partidários de uma Sociologia de Intervenção, que têm posto as suas qualificações e o seu saber ao serviço das sociedades onde vivem, procurando dar uma contribuição para a melhoria da qualidade de vida dos seus concidadãos<sup>3</sup>.

Considerando a **intervenção social** um *processo social em que uma dada pessoa, grupo, organização, comunidade ou rede social - a que chamaremos **sistema-interventor** - se assume como recurso social de outra pessoa, grupo, organização, comunidade ou rede social - a que chamaremos **sistema-cliente** - com ele interagindo através de um **sistema de comunicações diversificadas**, com o objectivo de o ajudar a suprir um conjunto de*

---

<sup>1</sup> Castro, Josué de, 1966, *Geografia da fome*, Porto, Brasília, 1ª ed. 1946; 1966, *O livro negro da fome*, Porto, Brasília, 1ª ed. 1957; 1974, *Geopolítica da Fome*, 4ª ed. rev. aum., Porto, Brasília; 1975, *Sete palmas de terra e um caixão*, Lisboa, Seara Nova, 1ª ed. 1970.

<sup>2</sup> Lapassade, G. e Lourau, R., 1973, *Para um Conhecimento da Sociologia*, 2ª ed., Lisboa, Assírio e Alvim; e Lobrot, M., 1966, *A Pedagogia Institucional*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, prefácio de Ardoino, introdução de Rui Grácio.

<sup>3</sup> Hess, Remi, 1982, *Sociologia de Intervenção*, Lisboa, Rés

*necessidades sociais, potenciando estímulos e combatendo obstáculos à mudança pretendida*<sup>4</sup>, este olhar diferente sobre o papel do cientista social parte do princípio de que *o saber não é monopólio do sistema-interventor, mas que este e o sistema-cliente possuem capitais de informação sobre a realidade social que devem pôr em comum a fim de, juntos, construírem um valor acrescentado de conhecimentos*<sup>5</sup>.

Vem tudo isto a propósito do livro intitulado *Filhos da madrugada: percursos adolescentes em lares de infância e juventude*, da autoria de Sandra Alves, que tenho a honra e o prazer de apresentar e que constitui a versão adaptada para um público maior da sua dissertação de mestrado em Sociologia, defendida em 2003 no ISCSP/UTL, perante um júri constituído por João Bettencourt da Câmara que presidiu, José Machado Pais que arguiu e por mim próprio que orientei.

De facto, penso que a opção epistemológica da autora pela Sociologia de Intervenção foi plenamente conseguida, dela resultando uma obra bem escrita, com um notável equilíbrio entre o enquadramento teórico e a análise rigorosa da situação em estudo e as pistas de intervenção social propostas. Numa altura em que tanto se fala (pelos piores motivos) da questão da educação de adolescentes em risco em Portugal, este trabalho constitui, a meu ver, uma contribuição extremamente útil para quem queira conhecer a problemática dos lares de acolhimento e, sobretudo, para aqueles que neles trabalham.

## **Política e Serviço Social**

Outro aspecto que é justo realçar em *Filhos da madrugada ...*, é a chamada implícita de atenção para a complexidade crescente da intervenção social nas sociedades contemporâneas, já intuída há muito por diversos autores<sup>6</sup> e confirmada claramente em estudos recentes<sup>7</sup>.

Élisabeth Maurel, por exemplo (cit in Chopart, 2003: 35 e sgs), após um exaustivo levantamento das profissões relacionadas com a intervenção social na França dos anos noventa, sugere que o trabalho social já não é o

---

<sup>4</sup> Carmo, H., 2000, *Intervenção Social com Grupos*, Lisboa, Universidade Aberta, pág. 61

<sup>5</sup> Carmo, H., 1999, *Sociologia de Intervenção e Desenvolvimento Comunitário*, in Carmo, H., 1999, *Desenvolvimento Comunitário*, Lisboa, Universidade Aberta, pág. 140

<sup>6</sup> Cfr. por exemplo, Falcão, Maria do Carmo, 1979, *Uma nova visão teórica do serviço social*, S. Paulo, Cortez e Moraes e Johnson, H. Wayne et al, 1995., *The social services: an introduction*, Itasca (Illinois), F.E. Peacock Publishers, Inc.

<sup>7</sup> Chopart, , Jean-Noël, 2003, *Os novos desafios do trabalho social: dinâmicas de um campo profissional*, Porto, Porto Editora.

que era, tanto pela diversidade das situações-problema com que os profissionais se confrontam, como pela complexidade dos sistemas-clientes e dos próprios tipos de intervenção social exigida<sup>8</sup>. Neste contexto, a equipa de investigação que coordenou, observou no terreno vários tipos de intervenção social que agrupou na seguinte tipologia:

- Trabalhos de **presença social**, com duas sub categorias - trabalhos de *acolhimento* e trabalhos de *rua*;
- Trabalhos de **organização social**, com quatro subcategorias - *quadros gestores de serviços, quadros intermédios que combinam a lógica de direcção e a lógica de intervenção, coordenadores de programas e acompanhantes de projectos.*
- Trabalhos de **intervenção directa**, com três subcategorias correspondentes a outros tantos modelos de actuação- os modelos de *intermediação*, de *acompanhamento processual* e de *acompanhamento socializante*

Um dos aspectos marcantes da complexidade observada é o dos níveis de intervenção exigida, que tanto podem ser de natureza interpessoal e grupal (nível *micro*), como organizacional (*meso*) como comunitária ou mesmo política (*macro*) o que apela para uma grande flexibilidade do dispositivo de intervenção, escorada numa teoria adequada e numa metodologia rigorosa.

Dito de outro modo, a intervenção social na actualidade obriga a uma preparação altamente qualificada que permita ao profissional o desempenho adequado de dois tipos de acções:

- Acções que envolvem a **prestação de serviços de proximidade** por vezes altamente especializados, onde se inclui o serviço (trabalho) social;
- Acções que envolvem a **prestação de serviços de natureza geral e abstracta, tipificados mas não personalizados**, orientados para a defesa dos Direitos Humanos e para o Desenvolvimento, e concretizados em políticas públicas de diversa natureza, integradas no conceito de Política Social (Cfr. fig 1)).

---

<sup>8</sup> O termo «intervenção social» foi utilizado para exprimir a escolha de um procedimento de análise que postula a existência de um campo mais vasto do que o estruturado pelas profissões sociais actualmente certificadas e para ressituar as actividades dos profissionais do social enquanto produto de um conjunto de políticas públicas que contribuem para o tratamento da questão social e para o desenvolvimento de diversas formas de solidariedade (Maurel, cit in Chopart, , Jean-Noël, 2003: 35)

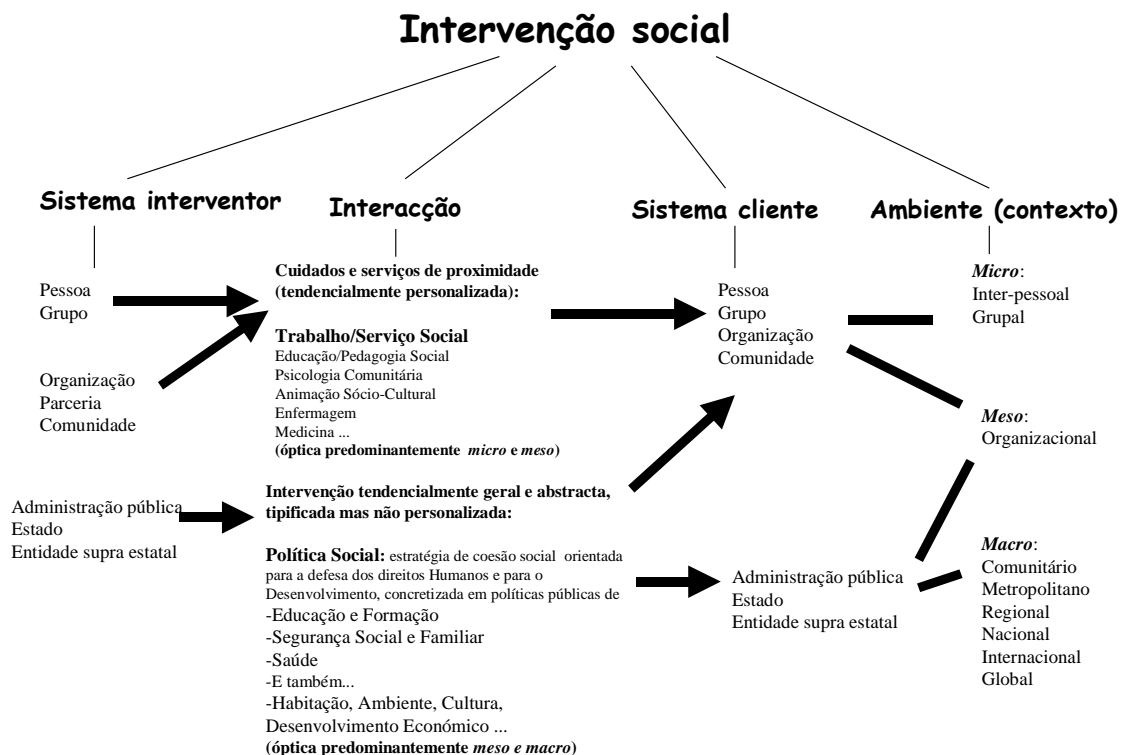


Fig. 1

Dito isto, é justo sublinhar que n' *Os filhos da madrugada* se regista claramente a interligação necessária entre as políticas públicas e os serviços de proximidade relativamente aos adolescentes em risco, o que preconiza um equilíbrio desejável entre os níveis *macro, meso e micro* de actuação.

## A obra

O trabalho está organizado em duas partes distintas.

Na primeira (*um primeiro olhar*), Sandra Alves procura equacionar o problema da infância e da adolescência em risco (capítulo 1 - *quando crescer se torna um risco*) e caracterizar os sistemas de acolhimento institucional de crianças e jovens em termos nacionais e internacionais tendo como referência a teoria das instituições totais. A primeira parte termina com a proposta de uma estratégia para o controlo de qualidade dos serviços de acolhimento, sugerindo a diferenciação entre a avaliação do acolhimento institucional, dos procedimentos internos e da desvinculação do sistema de acolhimento.

Na segunda parte (*rotas de intervenção*), a autora começa por fazer uma caracterização genérica dos lares de infância e juventude estudados e por sugerir e fundamentar um modelo de análise mais fino. Seguidamente apresenta os dados recolhidos e tratados de acordo com o modelo de análise. No capítulo seguinte (*e afinal?*) discute os resultados obtidos à luz do enquadramento teórico e doutrinário. O trabalho termina com um capítulo de *considerações finais* em que são enunciadas diversas pistas de intervenção, tanto no domínio das políticas públicas como da acção de proximidade.

Tanto pelo casamento feliz entre teoria, metodologia e prática social, como pela sólida articulação entre o domínio das políticas públicas e o das práticas de proximidade, julgo estarmos perante uma obra extremamente útil, actual e digna de ser alvo da meditação de quem estuda e age neste domínio.